



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Agostini, Nilo

Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 5, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 185-205

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449749233009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida

Catholic church and sciences: looking for a culture of dialogue and life

Nilo Agostini

Teólogo, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França, religioso franciscano da Ordem dos Frades Menores (OFM), professor na Universidade São Francisco (USF) de Bragança Paulista, professor e coordenador da Graduação da Faculdade João Paulo II (Fajopa), Marília, SP - Brasil, e-mail: nilo.agostini@gmail.com

Resumo

A Igreja Católica, no seu interesse em conhecer, servir e evangelizar, acompanha a sociedade de nossos dias em sua contínua transformação. A partir do Concílio Vaticano II, assume o diálogo como o caminho para estar em contato com o mundo em que vive. Tem consciência de que a reflexão deve ser desenvolvida num âmbito interdisciplinar, atenta ao evoluir das situações. Realiza isso a partir da experiência de fé, captando o sentido teológico presente nas diversas realidades e acontecimentos. Acompanha o avanço das ciências, hoje em especial a Bioética, num interesse embasado na Ética e numa escuta atenta das interpelações de Deus nos sinais dos nossos tempos. Fé e ciência passam a travar um diálogo necessário, numa relação de apreço e entendimento, uma podendo oferecer à outra uma contribuição enriquecedora e complementar. Existem conquistas

das ciências que são irrenunciáveis e dotadas de grande valor. A Igreja Católica oferece uma visão integral do ser humano, superando todo reducionismo, calcada no valor da vida humana e de todas as formas de vida em nosso planeta.

Palavras-chave: Ciências. Igreja católica. Fé. Bioética. Vida.

Abstract

The Catholic Church, in their desire of knowing, serving and evangelizing, follows the current society in its continuing transformation. Since the Second Vatican Council, accept dialogue as the way to be in touch with the world that we are living those days. They are aware that the thinking should be developed in an interdisciplinary context, mindful to situations that may be evolving. Catholic Church achieves this through faith experience, understanding the theological sense present in several situations and events. Follow the scientific advancements, today specially the bioethics, in an interest grounded in ethics and in a careful listening of God's interpellations of the signs of our times. Faith and science starts to engage a required dialogue, in a relation of esteem and understanding, offering to each other an enriching and complementary contribution. There are achievements in science that are indisputable and endowed with great value. The Catholic Church offers a full vision of the human being, overcoming all reductionism, based on the value of human life and all forms of life in our planet.

Keywords: Science. Catholic church. Faith. Bioethics. Life.

Introdução

Ao surgirem as primeiras universidades, sendo a Teologia a ciência mãe, o relacionamento com outras formas do saber foi sendo inicialmente conduzido de maneira a admitir a autonomia de cada ciência no seu respectivo campo de investigação. Alberto Magno e Tomás de Aquino trilharam essa via. Havia, é certo, uma ligação orgânica entre Filosofia e Teologia. Não demorou, porém, que essa autonomia ou distinção legítima

entre as ciências se transformasse numa separação, chegando a uma oposição radicalizada. Vimos a própria Filosofia proclamar-se absolutamente autônoma ante os conteúdos da fé.

Mais recentemente, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), busca-se travar o caminho do diálogo, tendo presente o cuidado e a defesa da vida. A Teologia, como ciência da fé, vem sendo convidada a travar um diálogo aprofundado com as ciências, aplicando-as sempre que necessário, sem marginalizar a Filosofia, cujo vínculo atravessa a história.

O caminho escolhido para explicitar a presente questão é o da percepção e evolução próprias no cenário da Igreja Católica; daí o título, que remete a esta no seu diálogo com as ciências. Sempre se evidenciam os binômios “fé e ciência” ou “fé e razão”. Estes continuam corretos e sua impositação faz-se necessária; suponho-os aqui desde o início. Hoje, para a abordagem desses binômios, fala-se em “interação”, “complementaridade”, “diálogo”, “relação”, “autonomia”, “respeito” etc. São vocábulos ricos de sentido. Vale conferir o que segue.

O diálogo contém uma força propulsora capaz de chamar todos a participarem de uma mesma mesa em busca da verdade e em prol da vida. Dentro do cenário da Igreja Católica, vimos emergir, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, a busca de um diálogo da Igreja com o mundo em que se vive. Tendo por base a experiência de fé, nada escapa do seu olhar atento, de sua perspicácia no discernimento e de seu interesse em conhecer, servir e evangelizar. A Bioética transformou-se na mesa em torno da qual os interlocutores, saídos de suas trincheiras, realizam uma busca comum de respeito e salvaguarda da vida em todas as suas formas, tendo a vida humana um lugar de destaque pelo seu valor incomparável, inviolável e inalienável. Fé e ciência são chamadas a se unirem num necessário diálogo, ambas em busca da verdade e da defesa da vida.

A Igreja em diálogo a partir da fé

A Igreja Católica, herdeira de uma sabedoria que foi se acumulando através da história, soube captar o valor da vida, em especial da vida humana, de forma consistente. Fez dela um conteúdo de ampla evangelização.

A força desse ensino está no fato de colocar a pessoa humana e o avanço das ciências sob a luz do Evangelho; nutre-se da Sagrada Escritura, fundando-se na experiência de fé. O desafio que daí decorre é iluminar os compromissos dos cristãos e influir na sociedade com a força do Evangelho.

Para o cristão, o desafio é ser testemunha de Jesus Cristo, cultivando uma fé que salva, uma esperança que ilumina e uma caridade que ama e soergue todo aquele que necessita de uma mão estendida, especialmente toda a vida humana em situação de vulnerabilidade. Além disso, esse desafio requer uma mente capaz e perspicaz de dar respostas à altura dos desafios atuais, muitos deles advindos do avanço das biotecnologias. De fato, precisamos de cristãos conscientes de sua fé, capazes de se doarem em favor da vida de outrem; quem entrega a vida, ganha-a em plenitude.

Interesse em conhecer, servir e evangelizar

A Igreja Católica, na esteira do Concílio Vaticano II, sente “a necessidade de conhecer, de aproximar-se, compreender, penetrar, servir e evangelizar a sociedade circunstante, de a acolher, quase diríamos de a percorrer, na sua rápida e contínua transformação” (PAULO VI, 1966, p. 496). Ela tem igualmente a clareza de que “para cumprir a sua missão, deve esforçar-se por conhecer as situações [...]” em que se encontra o ser humano hoje; “este conhecimento é, portanto, uma exigência imprescindível para a obra de evangelização” (PAULO VI, 1984, n. 4). Uma Igreja que se preza, dialoga com o mundo em que vive, fazendo-se palavra, mensagem, colóquio (Cf. PAULO VI, 1964, n. 67).

Desenvolvemos historicamente uma ciência eclesial por excelência, ou seja, a Teologia; cabe acioná-la em nossos dias, abertos à interlocução, nos situando devidamente nos diferentes contextos, ágeis para travar um diálogo real e concreto com os distintos “areópagos”. Importa conhecer o ser humano concretamente, em suas diversas realidades e situações. É imprescindível acompanhar o avanço das ciências, num diálogo com especialistas diversos, interdisciplinar e/ou multidisciplinarmente. Importa reunir todas as áreas do saber numa mesma mesa, chamando-as a compor o que podemos chamar de “ciências da vida”, especialmente as devotadas

à vida humana. Sentimo-nos impelidos a desenvolver uma reflexão “num âmbito interdisciplinar, tal como é necessário especialmente para os novos problemas” (JOÃO PAULO II, 1993, n. 30).

Cresce, ao mesmo tempo, a consciência de que somos parte de um universo enquanto teia de ralações, fundada numa unidade fundamental que perpassa todas as partes do universo e engloba todos os seres vivos e não vivos. Supera-se a visão fragmentada do mundo, herdada da modernidade, para galgar uma nova postura epistemológica e ética que parte da “coerência entre os diversos elementos constitutivos do mundo” porque “possuem uma base comum” (OLIVEIRA, 2002, p. 186) e são dotados de “interconexões sutis e contínuas entre as coisas e os eventos que coexistem no universo” (LAZLO, 1999, p. 163).

Ao mesmo tempo, um discernimento permanente deve ser realizado, tendo em conta o aporte que podemos dar a partir da fé cristã, tendo em conta a contribuição da Igreja Católica. Ao conhecer as situações concretas, importa iluminá-las com a fé, numa abertura à palavra da Sagrada Escritura e numa atenção à Tradição e ao Magistério da Igreja. Isto deve remeter sempre ao cultivo dos valores que brotam do Evangelho e que traduzem o modo próprio de ser de Jesus Cristo.

A Igreja Católica busca igualmente um diálogo profundo com o mundo de hoje. Ela se abre à humanidade e se coloca no seu seio como um dom de Deus a seu serviço. Quer responder com adequação às grandes questões de nosso tempo, num auxílio generoso ao ser humano que tem sede de realização e está em busca da verdade. Por isso, a Igreja sabe que “deve entrar em diálogo com o mundo em que vive” (Cf. PAULO VI, 1964, n. 67). É nesse empenho que ela consegue ser palavra, mensagem, colóquio, sempre “atenta ao evoluir das situações” para “responder adequadamente aos novos problemas e ao novo modo de os impostar” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1989, n. 11).

Na obra evangelizadora, a Igreja sabe que “o homem é o primeiro caminho que ela deve percorrer na realização de sua missão... Não se trata do homem ‘abstrato’, mas do homem real, ‘concreto’, ‘histórico’ [...]” (JOÃO PAULO II, 1991, § 53). Ciente de que sua comunidade se constitui de seres humanos reunidos em Jesus Cristo, a Igreja é ciosa em afirmar

que “não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (CONCÍLIO VATICANO II, GS 1).

Este ser humano concreto e histórico, cujo caminho a Igreja quer percorrer, é dotado de uma dignidade sem igual; uma incomparável, inviolável e inalienável dignidade! Cabe desdobrar-se como um dom de Deus a serviço da humanidade, esta se encontra presente em cada ser humano.

Quando a fé ilumina a realidade e abre o caminho

A *experiência de fé* constitui-se no elemento central do cristão, fundante mesmo, inclusive nas questões sociais, econômicas e políticas, não deixando de acompanhar com atenção o avanço das ciências. O objeto primeiro desta experiência de fé é Deus, enquanto revelado em plenitude em Jesus Cristo e enquanto presença viva e ativa do Espírito Santo. No entanto, notemos bem que, além do Deus revelado, a experiência de fé desperta em nós um olhar atencioso ante todas as coisas e acontecimentos, estes contemplados à luz de Deus. Assim, nada escapa deste olhar e da ausculta das próprias interpelações de Deus na nossa história.

Nessa experiência de fé, verbalizada por sua vez pela Teologia, o cristão consegue captar o sentido *teológico* presente numa determinada realidade ou acontecimento. Isto significa saber captar a densidade da *graça* ou do *pecado* que tais realidades ou acontecimentos possam conter ou apontar. Nesse sentido, nada escapa do olhar da Teologia e, assim, da própria experiência de fé. O social, o econômico, o político e o avanço das ciências passam a ser terreno comum e até necessário para a Teologia; eles necessitam ser explicitados pela fé.

Outro passo é reconhecer que em Deus a história é uma só, seja ela sobrenatural, seja ela natural. O divino e o humano se entrelaçam; assim deu-se com Jesus Cristo. Existe uma única história real, que é de salvação ou de perdição, de realização do Reino de Deus ou de afastamento dele. Todas as dimensões do ser humano estão aí incluídas, bem como toda e qualquer opção humana e ações respectivas. Supera-se, assim, aquela visão dualista, calcada numa visão negativa do ‘mundo’ e do ‘humano’, como lugares de armadilhas, fraquezas e perigos de toda

sorte. O mundo é, antes, o palco maravilhoso onde fazemos a experiência da manifestação amorosa de Deus, que nos chama a sermos seus colaboradores na construção do Reino de Deus. Por isso, este tempo que nos é dado viver, aqui e agora, transforma-se ou constitui-se no tempo da graça de Deus para nós, sem fugas ou escapismos para lugares idílicos ou visões desencarnadas.

Na realização de sua missão, a Igreja sabe que “o homem é o primeiro caminho que ela deve percorrer na realização de sua missão”; isso porque ela tem consciência de sua “centralidade dentro da sociedade”, enquanto ele é um “ser social” por excelência (Cf. JOÃO PAULO II, 1991, § 53). Como já vimos, “não se trata do homem ‘abstrato’, mas do homem real, ‘concreto’, ‘histórico’[...]” (JOÃO PAULO II, 1991, § 53). Isso significa que a Igreja, para realizar a sua missão, tem que acompanhar as situações em que o ser humano se encontra, valorizando a sua dimensão social e política, detectando nas estruturas os mecanismos que correspondem ou não à proposta do Reino de Deus.

Sabemos que, por um lado, a sociedade, com suas estruturas, age sobre o ser humano e imprime nele as suas marcas, sendo capaz de levar à exclusão e ao sacrifício de vidas humanas. Porém, o ser humano mostra-se capaz, outrossim, de interferir nesses processos com projetos alternativos e um mundo de aspirações e desejos que apontam para uma sociedade alicerçada no que é bom, justo e belo. Hoje, já sentimos emergir apelos éticos que apontam para uma revisão dos valores vitais e dos eixos básicos da vida humana, tanto em nós mesmos como na sociedade. Os movimentos sociais, a construção da cidadania, a consciência ecológica e o resgate da ética são expressões claras do alternativo em emergência¹.

Essa centralidade do ser humano abre espaço, em nossos dias, para uma visão ecológica. Temos consciência de que a criação toda, que é a casa comum (= *oikos*) de todos os seres vivos e não vivos, está sofrendo com a falta de preservação e com a gananciosa depredação. O desequilíbrio ecológico ameaça todos os seres. Surge daí o imperativo ético de uma comunhão centrada na vida, captando a necessidade de um

¹ Sobre os movimentos sociais, a construção da cidadania e o resgate da ética, leia mais em AGOSTINI, Nilo. O alternativo em emergência. In: *Teologia Moral: entre o pessoal e o social*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 140-154.

equilíbrio entre todos os seres (vivos e não vivos) da criação. Nessa comunhão em prol da vida, sentimo-nos parte de uma rede de relações e convocados a uma corresponsabilidade em vista de um equilíbrio ético da criação².

Já dissemos que nosso olhar é teológico. Parte da experiência da fé. Por isso, cabe-nos, neste tempo da graça que nos é dado viver, sempre de novo *apreender a presença secreta de Deus*, contemplar *os sinais do Espírito* e discernir *as sementes do Verbo*. A qualidade de nossa vida vai depender muito dessa *respeitosa ausculta* da revelação de Deus que se dá tanto no espelho das criaturas como nos seus *desígnios e sinais* no seio da história humana.

Isso nos leva a mergulhar no próprio mistério da *encarnação*, no qual entrevemos um Deus *próximo*, em quem tudo se vincula e se torna comunhão. Criação e história estão unidos; o ser humano é aí convocado a participar com todo o seu ser. Tudo se une numa presença eloquente, porque aponta para o Deus vivo, princípio de tudo, numa ontologia do amor.

A criação e a história transformam-se no cenário maravilhoso da manifestação amorosa de Deus. A eloquência visual e acústica de todo o 'criado', como manifestação de Deus, é tão forte que "nos incorpora" suscitando um olhar amoroso e de afeto, numa expansão de simpatia e cortesia ante todos os seres da criação. "Abre os olhos, utiliza os ouvidos de tua alma, solta teus lábios, aplica teu coração; todas as criaturas far-te-ão ver, escutar, servir, glorificar e adorar Deus", afirma-nos de modo lapidar São Boaventura em sua obra *Itinerarium mentis in Deum* (c. 1, n. 15).

Aqui cai por terra todo dualismo. Não resiste uma vida dividida em compartimentos. Isso nos remete a uma relação integral, na qual todos os seres estão incluídos. Fazemos a experiência de uma profunda unidade de vida. Descobrimo-nos parte de uma comunhão que une a criatura ao Criador e vincula todos os seres e acontecimentos numa sincronia de relações. Tudo se inclui como polo de uma mesma expressividade. A própria ação não exclui a contemplação, antes uma remete à outra constantemente, numa inclusão que as torna realmente fecundas.

² Leia mais sobre o assunto Por um resgate da criação, em AGOSTINI, N. A crise ecológica: o ser humano em questão – Atualidade da proposta franciscana. In: SILVA MOREIRA, A. da (Org.). *Herança franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 233-238.

A partir desse ancoradouro, dar-nos-emos conta de que este é o espaço propício para o cultivo de uma *qualidade evangélica de vida*, sem perder a riqueza profética e sem deixar de ser um sinal escatológico, enquanto antecipação do Reino futuro. Isso nos engaja muito concretamente na promoção da *qualidade da vida existente*. Por um lado, isso implica na “reafirmação precisa e firme do valor da vida humana e da sua inviolabilidade” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 5). Por outro lado, incluirá, ao mesmo tempo, o respeito e a preservação da integridade da criação, hoje ferida em seu equilíbrio ecológico. Desses dois polos emanam todas as demais opções.

Decorre que deploramos os múltiplos crimes e atentados contra a vida humana. Identificamos sistemas modernos de exclusão, que sacrificam vidas humanas e depredam a natureza, fazendo crescer o clamor dos empobrecidos e a consciência de que a natureza tem seus limites. Urge um constante discernimento diante das estruturas sociais, econômicas e políticas, bem como diante dos processos de mundialização ou de globalização hoje em curso. Queremos acompanhar o avanço das ciências, num interesse embasado na ética. Importa aguçar a nossa ausculta das interpelações de Deus nos *sinais dos nossos tempos* (Cf. II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO II, 1980, n. 7, § 13).

A Bioética: o olhar atencioso da Igreja Católica

Em sua história, a Igreja Católica mobilizou-se num anúncio em favor da vida. Formulou, inclusive, todo um ensino magisterial, buscando estabelecer um diálogo com o mundo científico, biológico e médico, sempre ciosa de acionar a reflexão ética e teológica para examinar a liceidade das intervenções do ser humano sobre si mesmo e sobre as demais formas de vida. A pessoa humana e o seu valor transcendente constituem-se na referência de base, sem substituir a referência última que é sempre Deus, como valor absoluto³. A contribuição cristã é, nesse campo, evidente e preciosa.

³ É oportuna aqui a definição de bioética de SGRECCIA, E. *Manuale di Bioetica*. Milano: Vita e Pensiero, 1988. p. 42.

Há pontos concretos que necessitam de um constante discernimento e claro posicionamento. Com isso, a Igreja Católica, a partir da fé cristã, “não se dirige a determinado grupo de pessoas, mas dirige-se a todos sem exceção, querendo a todos conduzir a uma mais verdadeira humanidade. Tudo o que é humano diz respeito, em Jesus Cristo, à fé cristã” (GALVÃO, 2003, p. 276).

Esse interesse pelo humano fez com que o Papa João Paulo II saudasse favoravelmente o desenvolvimento da Bioética. A consciência da necessária defesa da vida foi se alargando para incluir também “a atenção crescente à *qualidade de vida* e à *ecologia*” e toda a reflexão e o diálogo favorecidos pelo “despertar da reflexão ética a respeito da vida”, sobretudo através da “aparição e o desenvolvimento cada vez maior da *bioética*”; esta (a bioética) “favoreceu a reflexão e o diálogo – entre crentes e não crentes, como também entre crentes de diversas religiões – sobre problemas éticos, mesmo fundamentais, que dizem respeito à vida do homem” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 27).

Fé e ciência: um diálogo necessário

À medida que a modernidade ganhou estatura através das quatro revoluções (cultural, científica, política e industrial), propagou-se a ideia de que a Igreja sempre se posicionara de forma contrária à ciência ou de que a Igreja nunca apoiara os avanços científicos. Alardearam-se casos tradicionais da história (Giordano Bruno, Galileu) para acirrar ou criar uma falsa guerra entre ciência e religião (Cf. BRUNO; GALILEI, 1973). Hoje, o desafio é o de vencer o entrincheiramento da ciência e da religião, uma com o cientificismo e a outra com o fundamentalismo. Um diálogo, além das trincheiras, será benéfico para todos.

O Papa Bento XVI disse aos estudantes católicos ingleses por ocasião de sua visita à Inglaterra, em setembro de 2010:

O mundo necessita de bons cientistas, mas uma perspectiva científica torna-se perigosa se ignora a dimensão religiosa e ética da vida, da mesma maneira

que a religião se converte em limitada se rejeita a legítima contribuição da ciência em nossa compreensão do mundo (PAPA BENTO XVI, 2010).

Difundiu-se muito a ideia de que o homem é o único padrão ou a única referência para si mesmo, elegendo a racionalidade científica como o único caminho para um mundo perfeito. Bastaria acionar a sua vontade “ilustrada” e ele dominaria a natureza, submeteria as forças hostis e construiria um mundo melhor. O progresso seria infinito num contexto social de mobilidade e mudanças contínuas. Sabemos, no entanto, que uma séria crise desse modelo sacudiu o século XX e criou uma nova situação, chamada de “pós-modernidade”, um cenário de medo, incerteza e desconfiança ante as pretensões da razão humana inscrita na modernidade. Assim descreveu João Paulo II, na *Fides et Ratio* (1998, n. 91), o cenário pós-moderno:

As correntes de pensamento que fazem referência à pós-modernidade merecem adequada atenção. Segundo algumas delas, de fato, o tempo das certezas teria irremediavelmente passado, o homem deveria finalmente aprender a viver num horizonte de ausência total de sentido, sob o signo do provisório e do efêmero. Muitos autores, na sua crítica demolidora de toda a certeza e ignorando as devidas distinções, contestam inclusive as certezas da fé.

Mesmo em meio a este contexto, a postura da Igreja Católica diante das ciências é de apreço e entendimento. Vejamos o que nos diz o Concílio Vaticano II (GS 44):

A experiência dos séculos passados, o progresso das ciências, os tesouros escondidos nas várias formas da cultura humana, pelos quais a natureza do próprio homem se manifesta mais plenamente e se abrem novos caminhos para a verdade, são úteis também à Igreja.

O mesmo Concílio defende a justa autonomia das realidades terrestres, afastando qualquer temor neste campo. Dedicar, para isso, uma atenção especial com as seguintes palavras:

Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é necessário absolutamente exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte. Portanto, se a pesquisa metódica, em todas as ciências, proceder de maneira verdadeiramente científica e segundo as leis morais, na realidade nunca será oposta à fé: tanto as realidades profanas quanto as da fé originam-se do mesmo Deus. Mais ainda: Aquele que tenta perscrutar com humildade e perseverança os segredos das coisas, ainda que disto não tome consciência, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todas as coisas, fazendo que elas sejam o que são [...] (CONCÍLIO VATICANO II, GS 36).

Em 1936, Pio XI refundou a Pontifícia Academia das Ciências. Na ocasião, escreveu o Papa: “A ciência, quando é verdadeiro conhecimento do real, não contrasta nunca com as verdades da fé cristã” (PIO XI, 1936, p. 421). Paulo VI, mais tarde, sublinha a necessidade da dimensão moral para o progresso da ciência. João Paulo II, demonstrando grande interesse pelo papel da ciência no mundo moderno e pela relação entre fé e ciência, traça uma ponte que deve unir ao mesmo tempo ética e epistemologia, antropologia e metafísica, sempre a partir da própria experiência do homem e da sociedade (Cf. STRUMIA, 2003). João Paulo II deixou bem claro o seguinte:

A finalidade principal da ciência é a busca da verdade [...], uma busca que deve ser livre diante dos poderes políticos e econômicos; a verdade científica, portanto, é como qualquer outra verdade, devedora somente a si mesma e à suprema Verdade que é Deus criador do homem e de todas as coisas (JOÃO PAULO II apud BENTO XVI, 2010, p. 23-24).

O Papa Bento XVI propõe, por sua vez, uma renovada relação entre fé e ciência, uma relação de autonomia e distinção. Lembra, no entanto, que “distinção não significa separação ou estranhamento, significa que

a distinção entre os campos do saber não é entendida como oposição” (BENTO XVI, 2010, p. 50-51). Existem pontos de encontro entre ambas. Tanto uma como a outra colaboram para o conhecimento, quer por meio das capacidades racionais quer por meio do crer a uma fonte que na fé cristã é o Deus Revelador e Comunicador. Existe uma contribuição que uma confere à outra e vice-versa. Para isso, Bento XVI (2010, p. 54) cita o Papa João Paulo II: “A ciência pode purificar a religião do erro e da superstição, a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos”. Deve haver sempre um cuidado para não cair em reducionismos. “Todo reducionismo epistemológico acaba num reducionismo antropológico”, lembra Bento XVI (2010, p. 55).

É indispensável travar um diálogo entre ciência e fé, entre ciência e religião, além das trincheiras (Cf. AGOSTINI, 2010, p. 146-147). “Quando seus dados são bem compreendidos, longe de se opor, elas se completam harmoniosamente” (POUPARD, 1982, p. 11)⁴. Cabe assumir sempre o princípio de humanidade (Cf. GUILLEBAUD, 2008), numa defesa da vida que, para os cristãos, está no centro da mensagem do próprio Evangelho.

O valor das ciências humanas ou a busca comum do “*humanum*”

No caso específico das ciências humanas, vemos como elas buscam captar, explicitar e estudar os fenômenos humanos, podendo auxiliar o homem e a mulher nos seus processos de crescimento. Elas não os substituem. Porém, cabe ao homem e à mulher serem os protagonistas desse processo. Só eles assumem a busca e até o enfrentamento das questões últimas da existência humana. Muitas foram as conquistas que as ciências humanas souberam explicitar a partir da razão. Ajudaram e ajudam a descobrir o rico dinamismo do ser humano, da sua natureza mesma (Cf. CONCÍLIO VATICANO II, GS 44), o que ele é, suas potencialidades e a possibilidade de ser mais. Existem conquistas irrenunciáveis, fruto do

⁴ Veja também sobre este assunto: DOUCET, L. *La foi affrontée aux découvertes scientifiques*. Lyon: Chronique Sociale, 1987; ECCLESIA CATHOLICA. Conferenza episcopale piemontese. Gruppo di ricerca. *I cristiani nell'epoca tecnologica*. Leumann: Elle Di Ci, 1986.

avanço das ciências, captadas pelo Concílio Vaticano II como uma revolução global (CONCÍLIO VATICANO II, GS 5).

O diálogo com as ciências humanas pode ser altamente benéfico, já que não se deteria numa ideia apenas. Permanece, por isso, a possibilidade de aprisionamento na unilateralidade da razão, na medida em que esta busca a “construção de uma visão coerente, totalizante do universo, a partir de dados parciais, de uma visão parcial, ou de um princípio único”, segundo o que afirma Edgar Morin (1984, p. 205). Outro aprisionamento é o de achar que, ao partir desta ou daquela ciência, “aquilo que seus instrumentos não conseguem apreender não existe” (MORIN, 1984, p. 54).

“Necessário se faz que as ciências humanas rompam com o paradigma disjuntivo para dar conta de outras dimensões da realidade humana, igualmente significativas, como o não organizado, o cotidiano e as manifestações do imaginário, resgatando, assim, como sugere Goldmann, o seu aspecto filosófico” (LOURENÇO, 2000, p. 32) para poderem ser portadoras de verdade. Segundo Aristóteles, “todos os homens desejam saber” (apud JOÃO PAULO II, 1998, n. 25), sendo a verdade o objeto próprio desse desejo.

Nessa busca de saber mais, em direção à verdade, as ciências humanas podem trazer uma inestimável contribuição. A Psicologia nos faz adentrar na interioridade da pessoa e compreender melhor as suas potencialidades e os condicionamentos que nela subsistem. A Sociologia nos faz compreender o ser humano no seu contexto social e cultural e como realiza as suas opções. A Medicina desperta a nossa atenção para a vasta problemática da vida quer humana quer de todos os seres vivos, urgindo o desenvolvimento da Bioética. A Pedagogia aponta para o poder da educação e o desenvolvimento do humano.

Ao ser anunciada hoje, a mensagem do Evangelho não pode descartar as categorias atuais advindas das ciências humanas e sociais (Cf. CONCÍLIO VATICANO II, GS 62). Estas podem prestar um serviço à vocação teológico/espiritual e evangelizadora da Igreja. O clima é de diálogo, assim explicitado pelo Concílio Vaticano II (GS 62):

Sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da

psicologia e da sociologia de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida⁵.

As ciências merecem uma atenção constante e mesmo necessária, pois o ser humano é o centro de interesse comum. A espiritualidade, junto com o todo da Teologia com suas áreas afins, é chamada a um encontro dialogal com as ciências humanas (e as demais também). Abre-se a possibilidade e mesmo a necessidade de um enriquecimento mútuo, sem abdicar da interpelação mútua. Afugente-se qualquer pretensão de autossuficiência de qualquer das partes. Importa, para isso, abraçar sempre uma visão integral do ser humano, tendo como pano de fundo um paradigma integrador e humanizador (ANDRÉS, 1999, p. 16-18), aberto a todas as dimensões, incluindo a transcendência, num abraço de toda a criação.

A defesa da vida como mensagem do Evangelho

Para nós cristãos, soa forte, em nossos dias, o chamado de Deus em favor da Vida. Muitas são as ameaças e os atentados que sobre ela recaem. A vida humana vem sendo afligida de maneira especial. Preocupamos, igualmente, a depredação da natureza. Vivemos a ambivalência de dispor de riquezas, de possibilidades várias e de poder, ao mesmo tempo em que uma parte considerável da humanidade continua padecendo de fome, sujeita à violência, à exclusão e a toda sorte de males. Preocupa a disseminação de uma mentalidade individualista, autossuficiente e mergulhada na indiferença. O desenvolvimento econômico nem sempre vem acompanhado do progresso social e do crescimento humano e espiritual. Diante disto, soa forte a proposta de Jesus ao anunciar o “Evangelho da Vida”, nos reenviando a beber na fonte da Vida, naquele que é o “Senhor da Vida” (JOÃO PAULO II, 1995, n. 1).

Diante das constantes ameaças à vida, como pessoas de fé, nos sentimos convidados a uma solicitude em favor da vida, de maneira

⁵ Neste mesmo parágrafo, citam-se outras áreas das Ciências Humanas como: Letras, Artes, História. Cf. JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Veritatis Splendor*. Petrópolis: Vozes, 1993, n. 29.

especial em favor da vida de cada ser humano. Em cada pessoa humana, a vida contém um valor incomparável, inviolável e inalienável, como já vimos. Por isso, deploramos, “tudo quanto se opõe à vida [...], tudo o que viola a integridade da pessoa humana [...], tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana” (CONCÍLIO VATICANO II, GS 27)⁶, tais como o homicídio, o aborto, a eutanásia, as mutilações, as violências de toda sorte, as condições de vida subumanas, a prostituição, o comércio de mulheres e de jovens, as condições degradantes de trabalho, a corrupção, a impunidade etc.

Ao mesmo tempo, a partir da fé, sabemos captar os sinais da graça. É notória, em nossos dias, a tomada de consciência em muitos homens e mulheres da dignidade própria e de cada ser humano. Esta costuma vir aliada à preocupação crescente com o *respeito dos direitos humanos*. Além disso, cresce a convicção da *interdependência* e da necessidade de uma solidariedade entre todos os seres humanos, a partir da consciência de um destino comum a ser construído conjuntamente, na busca do *bem* e da *felicidade*, como frutos do esforço e da aplicação de todos.

Cresce o *respeito pela vida*, a *preocupação pela paz*, a *busca da justiça* e a necessária *distribuição equitativa* dos bens e de todos os frutos do desenvolvimento alcançado. Registramos, igualmente, uma crescente consciência dos limites dos recursos naturais disponíveis e o urgente e necessário respeito da integridade e dos ritmos da natureza; cresce, com isso, a *preocupação ecológica*. Igualmente positivo é todo o empenho em favor de uma qualidade de vida ‘digna deste nome’ (JOÃO PAULO II, SRS n. 26; AGOSTINI, 2011, p. 29-30). Igualmente, sabemos que, diante dos notáveis progressos da humanidade, a Terra pode nutrir os seus habitantes (Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, 1997, n. 19ss).

Para respaldar esses “sinais” e todo o empenho que comportam, faz-se necessário um fundamento antropológico unitário, assumindo o ser humano em sua globalidade, e um claro apelo ético, pelo qual o ser humano é chamado a atuar pela sua liberdade responsável. Portanto, parte-se de uma unidade de fundo, “uma visão do homem-pessoa na

⁶ Nós seguimos a citação e a tradução que se encontram em JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 6. n. 3.

globalidade e unidade de componentes, aspectos, dimensões, valores, exigências: é essa antropologia o fundamento, a medida, o critério, a força para a solução que é proposta acerca dos mais diversos problemas [...]” (TETTAMANZI, 1990 p. 6). Assume-se a pessoa humana em todas as suas dimensões e o mais integralmente possível, recuperando a visão bíblica do ser humano como uma *totalidade unitária*. Assim, “o ser humano é chamado ao amor e ao dom de si na sua *unidade corpórea-espiritual*” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. 1996, n. 10). Entendemos, então, que se faz necessário “considerar a totalidade da pessoa e exigir, portanto, a integração dos elementos biológicos, psico-afetivos, sociais e espirituais” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1983, n. 35).

São muito oportunas as palavras do Papa João Paulo II (1995, n. 6) presentes na Encíclica *Evangelium Vitae*:

Em profunda comunhão com cada irmão e irmã na fé e animado por sincera amizade para com todos, quero mediar e anunciar o Evangelho da vida, clara luz que ilumina as consciências, esplendor de verdade que cura o olhar ofuscado, fonte inexaurível de constância e coragem para enfrentar os desafios sempre novos que encontramos no nosso caminho.

Conclusão

Continuadores da missão de Jesus, participantes de sua missão profética, sacerdotal e real, sentimo-nos, como cristãos, comprometidos com o Evangelho da Vida. Como *povo da vida*, convocados na graça do Espírito, “Senhor que dá a vida” somos chamados, convocados e enviados a estar a serviço da vida de maneira diligente e perspicazmente organizada, qual

ação concertada e generosa de todos os membros e estruturas da comunidade cristã [...] Todos juntos sentimos o dever de anunciar o *Evangelho da vida*, de o *celebrar* na liturgia e na existência inteira, de o *servir* com as diversas iniciativas e estruturas de apoio e promoção (JOÃO PAULO II, 1995, n. 79).

Uma cultura do diálogo e da vida abrirá um sulco, com toda a riqueza do húmus, para acalentar as sementes de um anúncio irrenunciável e de uma ação decidida e comprometida, levando a força do Evangelho ao coração da cultura ou das culturas de nosso tempo e seus diversos areópagos. Importa “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam em contraste com a palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (PAULO VI, 1984, n. 19).

“Nos vários campos da civilização contemporânea e da cultura, passando pela política e a economia” (SCHALÜCK, 1996, n. 174), são tantos os “setores a serem iluminados pela luz do Evangelho”, tais como “o empenho pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza” (JOÃO PAULO II, RM, 1991, n. 37). Urge proclamar com toda força o Evangelho da vida, num grito ético-profético que soe no fundo de cada coração humano e se faça ouvir em todos os quadrantes da Terra. Somos convidados a uma solicitude em favor da vida de cada ser humano, sem descuidar de toda a criação.

A dimensão profética é crítica sempre que está em jogo a dignidade humana, a sacralidade da vida, a justiça social e a salvaguarda da criação; ela alimenta a esperança no bem, na verdade e na justiça. Apresenta uma visão integral da vida, valorizando todas as dimensões do ser humano, buscando a sua integração e maturidade e incluindo o cuidado responsável de todas as formas de vida neste planeta.

Chegou a hora de uma clara *afirmação da vida* que vá além do uso da própria força ofensiva e defensiva, o que é o próprio do animal, que vá além de uma racionalidade e do poder que buscam subjugar os mais fracos através do uso hábil das armas, do dinheiro e da ideologia. Urge, em nossos dias, uma clara *afirmação da vida* enquanto recusa do injustificável e como crítica ético-profética; a recusa do injustificável de opções parciais, redutoras e violentas no esquecimento da dignidade do ser humano... Isto cria a necessidade de *resistir*, recusando o relativo, fazendo existir a ética [...] Soou a hora de um ‘sim’ à vida, assim como Deus mesmo já o pronunciara (AGOSTINI, 2007, p. 92, grifos do autor).

Referências

- AGOSTINI, N. **Teologia moral**: entre o pessoal e o social. Petrópolis: Vozes, 1995.
- AGOSTINI, N. A crise ecológica: o ser humano em questão. Atualidade da proposta franciscana. In: SILVA MOREIRA, A. da. (Org.). **Herança franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 199-219.
- AGOSTINI, N. **As conferências episcopais**: América Latina e Caribe. Aparecida: Santuário, 2007.
- AGOSTINI, N. **Ética**: diálogo e compromisso. São Paulo: FTD, 2010.
- AGOSTINI, N. **Introdução à teologia moral**: o grande sim de Deus à vida. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ANDRÉS, J. R. F. **Teologia moral fundamental**. 3. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999. (Serie Manuales de Teología n. 8).
- BENTO XVI. **Fede e scienza**: un dialogo necessário. A cura di Umberto Casale. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana; Torino: Lindau, 2010.
- BENTO XVI. **Bento XVI aos estudantes católicos**: não sejam medíocres, sejam santos. 2010. Disponível em: <<http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-aos-estudantes-catolicos-nao-sejam-mediocres-sejam-santos>>. Acesso em: 8 mar. 2013.
- BRUNO, G.; GALILEI, G. **Sobre o infinito, o universo e os mundos**: o ensaia-dor. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CONCÍLIO VATICANO II. **A Igreja no mundo de hoje**: constituição pastoral Gaudium et Spes. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO II. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações educativas sobre o amor humano. **L'Osservatore Romano**, 1983. (Publicado também em SEDOC, Petrópolis, v. 16, p. 771-792, 1984).

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A Doutrina social da igreja na formação presbiteral**. Petrópolis: Vozes, 1989.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade humana**: verdade e significado. Orientações educativas em família. Petrópolis: Vozes, 1996.

DOUCET, L. **La foi affrontée aux découvertes scientifiques**. Lyon: Chronique Sociale, 1987.

ECCLESIA CATHOLICA. Conferenza episcopale piemontese. Gruppo di ricerca. **I cristiani nell'epoca tecnologica**. Leumann, Torino: Elle Di Ci, 1986.

GALVÃO, H. N. Notas sobre os conceitos de criação e pessoa. **Communio**, v. 20, n. 3, p. 276-279, 2003.

GUILLEBAUD, J.-C. **O princípio de humanidade**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.

JOÃO PAULO II. **Familiaris Consortio**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1982.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Sollicitudo Rei Socialis**. Petrópolis: Vozes, 1988. (Documentos Pontifícios, n. 218).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Centesimus Annus**. Petrópolis: Vozes, 1991. (Documentos Pontifícios, n. 241).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Veritatis Splendor**. Petrópolis: Vozes, 1993. (Documentos Pontifícios, n. 255).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Evangelium Vitae**. Petrópolis: Vozes, 1995. (Documentos Pontifícios, n. 264).

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Fides et Ratio**. Petrópolis: Vozes, 1998. (Documentos Pontifícios, n. 275).

LAZLO, E. **Conexão cósmica**: guia pessoal para a emergente visão da ciência. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOURENÇO, M. **Razão e discurso**: os católicos e o controle de natalidade. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Portugal: Europa-América, 1984.

OLIVEIRA, M. A. de. Relevância dos desdobramentos da física quântica e da biogenética para o agir e pensar atuais. In: LIMA, D. N. de; TRUDEL, J. **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 175-205.

PAULO VI. **Encíclica Ecclesiam Suam**. Petrópolis: Vozes, 1964. (Documentos Pontifícios, n. 147).

PAULO VI. O valor religioso do Concílio. In: KLOPPENBURG, B. (Org.). **Concílio Vaticano II**: quarta sessão. (nov.-dez. 1965). Petrópolis: Vozes, 1966.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. (Documentos Pontifícios, n. 188).

PIO XI. In multis solaciis (28 de outubro de 1936). **Acta Apostolicae Sedis**, n. 28, p. 421, 1936.

PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”. **A fome no mundo. Um desafio de todos**: o desenvolvimento solidário. Petrópolis: Vozes, 1997.

POUPARD, P. **Science et foi**. Tournai: Desclée International, 1982.

SÃO BOAVENTURA. **Itinerarium mentis in Deum (1259)**. Quaracchi: Edizioni di Quaracchi, 1882-1902.

SGRECCIA, E. **Manuale di bioetica**. Milano: Vita e Pensiero, 1988.

STRUMIA, A. **Scienze e la pienezza della razionalità**. Siena: Cantagalli, 2003.

TETTAMANZI, D. **Bioetica**: nuove frontiere per l'uomo. 2. ed. riveduta e ampliata. Casale Monferrato: PIEMME, 1990.

Recebido: 31/07/2012

Received: 07/31/2012

Aprovado: 16/10/2012

Approved: 10/16/2012